

O LADO BOM DAS CRISES

* Alfredo José Assumpção

Revisando as crises brasileiras que presenciei na minha vida, dentre as mais marcantes lembro-me do suicídio de Getúlio Vargas, da renúncia de Jânio Quadros, do golpe militar em 1964, do Ato Institucional Nº 5 em 1968, das lutas políticas para retomada do poder pelos civis, da morte de Tancredo Neves em 1985, da moratória da dívida externa em 1986, dos planos econômicos mirabolantes como Cruzado, Verão, Cruzeiro Novo e outras bobagens econômicas, do impeachment de Fernando Collor em 1992 e das crises em cascata de 1997 a 1999. Estas últimas, embora envolvendo países asiáticos a Rússia e a Argentina, vieram nos atingir em cheio em janeiro de 1999, redundando na desvalorização do Real, criando, na época, uma expectativa de catástrofe econômica para o país, o que, felizmente, não se deu. Em 2001, começou a crise da Argentina para honrar seus compromissos financeiros, e o Brasil seria a bola da vez. Vieram os atentados do WTC em 11 de setembro de 2001 e, como reflexo, guerra no Iraque, crise do petróleo, redução do crescimento econômico dos EUA e tantos outros problemas político econômicos, já bem temperados pela eterna recessão japonesa, e só para dar caldo bom neste angu de caroço, tivemos nossa crise no setor energético. (Como choveu, todos já esqueceram da crise de energia, não é?).

Agora, estamos no meio de uma crise política bastante interessante, onde a lambança tem o chapéu da esquerda brasileira. Quem diria?!... A esquerda que sempre se faz passar por pobre coitada, íntegra e pronta a dar lições de moral em Deus e no mundo. Pois bem, a ética, a honestidade e a seriedade no trato da coisa pública pelos nossos políticos estão sendo discutidas e passadas a limpo. Evidentemente, tudo isso é muito triste, mas, ao mesmo tempo, muito bom. É triste por nos sentirmos traídos e enganados por quem confiamos. É bom por se mostrar prova irrefutável de que nossa democracia está amadurecendo. Diria mesmo que estamos prontos para enfrentar quaisquer que sejam as tormentas que ainda advirão para que nos encontremos um dia suficientemente crescidos e maduros politicamente. Nossa democracia é uma jovem senhora de apenas 25 anos (antes da ditadura militar o que tivemos foi instabilidade constante, onde a democracia nunca se firmou), enquanto a americana soma já 250 anos. Esse talvez seja um dos principais motivos para explicar tamanha diferença das duas economias. Gestão aberta (americana) e fechada (brasileira até recentemente). Só agora, por meio de uma imprensa livre, o Brasil escancara para a sociedade o que é o seu sistema de gestão governamental. Convenhamos, ainda temos muito o que aprender com nossos colegas americanos do norte. Suas instituições políticas são exemplos do que deu certo.

Tormenta vem, tormenta vai e aqui me encontro, naufrago otimista, são e salvo para enfrentar mais crises. Nossos “catastrofistas” de plantão começam a falar em crise econômica no Brasil puxada pela crise política. Quanta incoerência. Continuamos inventando fantasmas. Nunca tivemos um quadro político brasileiro tão bom como este. Temos um esforço concreto de um grupo de políticos sérios, sejam de esquerda ou direita, para apurar fatos e punir os culpados, não importa em que partido político estejam. Isso é uma maravilha. No final, todos ganharemos. É por causa desse otimismo que a economia brasileira vai bem obrigado e continuará bem obrigado. Muito mais ainda porque o mundo é global e altamente interdependente. Para ter crescimento econômico, o Brasil depende muito menos das ações dos seus políticos do que dos resultados positivos da economia mundial. Assim, enquanto o mundo estiver vivendo a prosperidade que vem demonstrando, também estaremos bem economicamente. Nosso setor privado cada vez mais se desvencilha do mundo político. O bom da crise é que depuraremos nosso quadro de políticos de tal sorte que somente nos restarão políticos em condições de fortalecer nossas instituições. Pela primeira vez, vemos políticos de tendências opostas trabalhando para um fim comum. Estamos passando a limpo nossa República. Parabéns aos nossos políticos honestos. E já vão tarde os desonestos.



*Alfredo José Assumpção é Economista, Mestre em Gerência de Recursos Humanos, e CEO & Sócio da FESA Global Recruiters